

VOLTAIRE
TRATADO SOBRE
A TOLERÂNCIA



RELÓGIO D'ÁGUA

Relógio D'Água Editores
Rua Sylvio Rebelo, n.º 15
1000-282 Lisboa
tel.: 218 474 450
fax: 218 470 775
relogiodagua@relogiodagua.pt
www.relogiodagua.pt

Título: Tratado sobre a Tolerância — Por ocasião da morte de Jean Calas
Título original: *Traité sur la tolérance, A l'occasion de la mort de Jean Calas* (1763)

Autor: Voltaire

Tradução: Augusto Joaquim

Revisão de texto: Júlia Ferreira e José Cláudio

Capa: Carlos César Vasconcelos (www.cvasconcelos.com)
sobre retrato de Voltaire (cerca de 1724-1725), de Nicolas de Largillière

© Relógio D'Água Editores, Fevereiro de 2015

Encomende os seus livros em:
www.relogiodagua.pt

ISBN 978-989-641-509-9

Composição e paginação: Relógio D'Água Editores
Impressão: Guide Artes Gráficas, Lda.
Depósito Legal n.º: 389072/15

Voltaire

Tratado sobre a Tolerância

Por ocasião da morte de Jean Calas

Fora de Coleção

CAPÍTULO X

Do Perigo das Falsas Lendas e da Perseguição

A mentira já dominou demasiado tempo os homens; é tempo que se conheça o pouco de verdades que podemos deslindar através dessas nuvens de fábulas que pairam, desde Tácito e Suetónio, sobre a História Romana e que quase sempre envolveram os anais das outras nações antigas.

Por exemplo, como é que se pode acreditar que os romanos, esse povo grave e severo de quem herdámos as nossas leis, tenham condenado virgens cristãs, raparigas de qualidade, à prostituição? É conhecer bem mal a austera dignidade dos nossos legisladores que puniam com tanta severidade as fraquezas das vestais. Os *Actos sinceros* de Ruinart relatam essas torpezas; mas deve-se acreditar nos *Actos* de Ruinart como se fossem os *Actos dos Apóstolos*? Esses *Actos sinceros*, segundo Bolland, contam que havia na cidade de Ancira sete virgens cristãs, cada uma com aproximadamente setenta anos, que o governador Teodecto obrigou a passar pelas mãos dos rapazes da cidade, mas como essas virgens foram poupadas, como era de esperar, ele forçou-as a servir todas nuas os mistérios de Diana, aos quais nunca se assistia a não ser com véus. São Teódoto que, na verdade, era taberneiro, sem por isso deixar de ser menos zeloso, rezou ardentemente a Deus para que desse a morte a essas santas virgens, receoso de que elas sucumbissem à tentação. Deus atendeu-o; o governador mandou que fossem lan-

çadas ao lago com uma pedra ao pescoço: logo depois apareceram a Teódoto a pedir-lhe que não sofresse com o facto de os seus corpos serem comidos pelos peixes; foram as suas próprias palavras.

O santo taberneiro e os seus companheiros foram, de noite, à beira do lago guardado por soldados; um facho celeste caminhava sempre à frente deles, e quando chegaram ao sítio onde se encontravam os guardas, um cavaleiro celeste, armado dos pés à cabeça, perseguiu-os de lança em riste. São Teódoto retirou do lago os corpos das virgens: foi posteriormente levado à presença do governador, e o anjo celeste nada fez para impedir que a cabeça lhe fosse cortada. Não paramos de dizer que veneramos os verdadeiros mártires, mas que é difícil acreditar nesta história de Bolland e de Ruinart.

Será preciso lembrar aqui a lenda do jovem São Romano? Foi lançado ao fogo, ao que diz Eusébio; alguns judeus que se encontravam presentes puseram-se a insultar Jesus Cristo por este deixar que queimassem confesores seus, depois de Deus ter tirado da fornalha ardente Sidrach, Misach e Abdenago⁵⁵. Mal os judeus haviam acabado de falar, São Romano saiu triunfante da fogueira: o imperador ordenou que lhe perdoassem, e disse ao juiz que não queria ter nada a ver com Deus; estranhas palavras na boca de Diocleciano! O juiz, apesar da indulgência do imperador, mandou cortar a língua a São Romano e, apesar de haver carrascos, entregou esta operação a um médico. Assim que lhe cortaram a língua, o jovem Romano, que nascera gago, começou a falar com volubilidade. O médico levou uma reprimenda e, para mostrar que a operação tinha sido feita segundo as regras da arte, agarrou no primeiro que passava e cortou-lhe a língua exactamente como fizera a São Romano, operação que lhe provocou morte imediata: «porque», acrescenta eruditamente o autor, «a anatomia ensina-nos que um homem sem língua não consegue viver». Na verdade, se Eusébio escreveu palermices destas, se elas não foram por nenhum meio acrescentadas aos seus escritos, como havemos de confiar na sua história?

55 Daniel, capítulo III. (M)

Falam-nos do martírio de Santa Felicidade e dos seus sete filhos, condenados à morte, como se conta, sem se nomear o autor do relato, pelo sábio e piedoso Antonino. É bem possível que um autor qualquer, mais zeloso do que verdadeiro, tenha querido imitar a história dos Macabeus. É nestes termos que começa o relato: «Santa Felicidade era romana, vivia no reinado de Antonino»; é evidente, por estas palavras, que o autor não era contemporâneo de Santa Felicidade. Diz-se que o pretor os julgou no seu tribunal, instalado no campo de Marte; mas o prefeito de Roma tinha o seu tribunal no Capitólio, e não no campo de Marte que, depois de ter servido para fazer comícios, era então utilizado para soldados, para corridas e para jogos militares: só isto mostra a falsificação.

É ainda dito que, depois do julgamento, o imperador incumbiu diferentes juízes da execução da sentença: ora isto é inteiramente contrário a todas as formalidades desse tempo e às de todos os tempos.

Existe até um Santo Hipólito que se supõe ter sido arrastado por cavalos, como aconteceu com Hipólito, filho de Teseu. Esse tipo de suplício era totalmente desconhecido dos antigos romanos, e a lenda baseia-se exclusivamente na semelhança entre os nomes.

Observemos ainda que, nos relatos dos martírios, unicamente escritos pelos próprios cristãos, vemos quase sempre uma multidão de cristãos que vêm livremente à prisão do condenado, acompanhá-lo ao suplício, recolher-lhe o sangue, enterrar-lhe o corpo, fazer milagres com as relíquias. Se fosse só a religião que estivesse em causa, não teriam também sido imolados esses cristãos declarados que assistiam os seus irmãos condenados, e que eram acusados de fazer magia com os restos dos corpos martirizados? Não teriam sido tratados, como nós tratámos os valdenses, os albigenses, os hussitas, as diferentes seitas dos protestantes? Não os degolámos e queimámos em massa, sem distinção de idade ou de sexo? Nos relatos comprovados das perseguições da antiguidade, houve alguma que se tivesse aproximado da Saint-Barthélemy e dos massacres da Irlanda? Houve sequer algo que se assemelhasse à festa anual que ainda hoje se celebra em Toulouse, festa cruel, festa que devia ser abolida para sempre, na qual todo um povo

agradece a Deus em procissão e se felicita por ter massacrado, há duzentos anos⁵⁶, quatro mil dos seus concidadãos?

É com horror que o digo, mas com verdade: somos nós cristãos que fomos perseguidores, carrascos, assassinos! E de quem? Dos nossos irmãos. Fomos nós que destruimos cem cidades, de crucifixo ou de Bíblia na mão, e que, desde o reinado de Constantino até aos furores dos canibais que viviam nas Cevenas, não parámos de derramar sangue e de atear fogueiras, furores que, graças a Deus, hoje já não subsistem.

Por vezes ainda enviamos para o cadafalso gente do Poitou, do Vivarais, de Valence, de Montauban. Enforcámos, desde 1745, oito personagens desses a quem chamam *predicantes* ou *ministros do Evangelho*, cujo único crime foi de terem rezado a Deus pelo rei no seu dialecto, e de terem dado a alguns camponeses imbecis uma gota de vinho e um bocado de pão levedado. Não se está ao corrente de nada disto em Paris, onde o prazer é a única coisa que importa, onde se desconhece tudo o que se passa na província e no estrangeiro. Esses processos não duram mais de uma hora, e mais depressa do que se demora a julgar um desertor. Se o rei estivesse ao corrente, de certeza que agradeceria.

Em nenhum país protestante os padres católicos são tratados assim. Há mais de cem padres católicos em Inglaterra e na Irlanda; sabe-se quem são, deixaram-nos viver tranquilamente na última guerra⁵⁷.

Seremos sempre os últimos a abraçar as opiniões sensatas das outras nações? Elas corrigiram-se: e nós, quando nos corrigiremos? Precisámos de sessenta anos para adoptarmos o que Newton tinha demonstrado⁵⁸; começamos só agora a ousar salvar a vida dos nossos filhos pela inoculação⁵⁹; só desde há muito pouco tempo, praticamos os verdadeiros princípios da agricultura; quando começaremos a praticar os verdadeiros princípios de humanidade?

56 Ver atrás nota 3.

57 A Guerra dos Sete Anos, a que pôs fim o tratado de 10 de Fevereiro de 1763. (M)

58 A grande lei da atracção. (M)

59 O Parlamento de Paris tinha, em 8 de Junho de 1763, proferido uma sentença contra a inoculação. (M)

E com que cara podemos acusar os pagãos de terem feito mártires, quando fomos culpados da mesma crueldade, nas mesmíssimas circunstâncias?

Aceitemos que os romanos mandaram para a morte uma multidão de cristãos, apenas por causa da sua religião: nesse caso, os romanos devem ser mesmo condenados. Quereríamos cometer a mesma injustiça? E quando os acusamos de terem feito perseguições, quereríamos ser perseguidores?

Se houvesse alguém suficientemente desprovido de boa-fé, ou suficientemente fanático, para me vir dizer: Porque é que vem para aqui desenvolver os nossos erros e as nossas faltas? Porquê destruir os nossos falsos milagres e as nossas falsas histórias? São elas que alimentam a piedade de muita gente; há erros necessários; não arranqueis do corpo uma úlcera inveterada que arrastaria com ela a destruição do corpo; eis o que eu lhe responderia:

Todos esses falsos milagres, com que abalais a fé que se deve aos verdadeiros, todas essas lendas absurdas que acrescentais às verdades do Evangelho, extinguem a religião em todos os corações; muitas pessoas que querem instruir-se, e que não têm tempo para se instruir convenientemente, dizem: Os mestres da minha religião enganaram-me; não existe, pois, religião nenhuma; mais vale uma pessoa lançar-se nos braços da natureza do que nos do erro; mais do que das invenções dos homens, prefiro depender da lei natural. Há outros ainda que têm a infelicidade de ir mais longe: vêem como a impostura os dominou, e já nem sequer o freio da verdade aceitam, inclinam-se para o ateísmo; tornam-se depravados, porque outros foram velhacos e cruéis.

Eis aqui certamente as consequências de todas as fraudes piedosas e de todas as superstições. O homem comum só leva os raciocínios até meio; é um péssimo argumento dizer: Voragine, o autor da *Lenda Dourada*, e o jesuíta Ribadeneira, compilador da *Flor dos Santos*, só escreveram asneiras; logo, Deus não existe; os católicos mataram um certo número de huguenotes, e os huguenotes, por sua vez, assassinaram um certo número de católicos: logo, Deus não existe; serviram-se da confissão, da comunhão e de todos os sacramentos, para cometerem os crimes mais horrorosos:

logo, Deus não existe. Pelo contrário, eu tirei uma outra conclusão: se assim é, há um Deus que, depois desta vida passageira, em que tanto o ignorámos e em que, em seu nome, cometemos tantos crimes, se dignará consolar-nos de tantas horríveis infelicidades: porque, se considerarmos as guerras de religião, os quarenta cismas dos papas, quase todos eles cruentos, as imposturas, quase todas elas funestas; os ódios irreconciliáveis incendiados pelas diferentes opiniões, ao vermos todos os males que nos trouxe o falso zelo, devemos concluir que foi, nesta vida, que os homens tiveram, durante imenso tempo, o seu inferno.